

O RELATO DE UM TIPÓGRAFO E A CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA DE UM SINDICATO

Cristiane Muniz Thiago
UNICAMP
cristhiago@oi.com.br

Introdução

A trajetória ocupacional e sindical de um operário poderia elucidar questões referentes à formação da identidade e da memória de um grupo de trabalhadores? Nosso objetivo é, a partir da análise da trajetória de um tipógrafo, problematizar a vida política do Sindicato dos Gráficos do Rio de Janeiro na segunda metade do século XX. Nilton Domingues Pedrosa aprendeu a profissão de tipógrafo nos anos 1950, quando chegou a dividir o que se tornaria sua atividade principal com a ocupação de feirante. Trabalhou em empresas como o Jornal do Brasil, onde aprendeu a profissão de linotipista. Após o golpe de 1964, foi obrigado a deixar o Jornal do Brasil, o que lhe reservaria mais tempo para frequentar o sindicato. Presidente do Sindicato nos anos 1980 e atual presidente do Departamento de Aposentados que ajudou a fundar em 1983, Pedrosa elegeu a instituição sindical como sua segunda casa. Partimos do pressuposto de que o domínio de um saber profissional associado ao domínio de um tipo específico de saber político-sindical teria imposto a construção de uma identidade centrada na condição de classe para Pedrosa. A partir de entrevistas com o sindicalista e com outros membros do Sindicato dos Gráficos, construiremos um panorama da interpretação desses agentes sobre sua própria e história. Mas antes de iniciar nosso olhar para a trajetória de Pedrosa iremos apontar as principais questões sobre o método escolhido para debater nosso objeto.

Uma questão de método

Ao privilegiar a realização e análise das entrevistas para construção do nosso objeto de pesquisa objetivamos privilegiar as interpretações do passado feitas pelos personagens que iremos estudar. Iniciamos essa discussão apontando a definição da história oral como uma metodologia específica de pesquisa:

Sendo um método de pesquisa, a história oral não é um fim em si mesma, e sim um meio de conhecimento. Seu emprego só se justifica no contexto de uma investigação científica, o que pressupõe sua articulação com um *projeto de pesquisa* previamente definido. Assim, antes mesmo de se pensar em história oral, é preciso haver questões, perguntas, que justifiquem o desenvolvimento de uma investigação. A história oral só começa a participar dessa formulação no momento em que é preciso determinar a abordagem do objeto em questão: como será trabalhado. (ALBERTI, 2005. p. 29). Grifos no original.

Nesse sentido, optamos por fazer um levantamento extenso do objeto de pesquisa para numa segunda etapa realizarmos as entrevistas. Nosso objetivo foi reunir elementos suficientes para abordar de forma mais densa as questões pertinentes ao tema ao longo das entrevistas.

Assim como nos jornais operários e nos materiais impressos em geral, as entrevistas narram versões dos fatos. Porém, no segundo caso, são versões da história construídas no presente. Portanto, as relações atuais dos nossos entrevistados com a história do Sindicato dos Gráficos devem ser problematizadas na análise das entrevistas: “Deve ser importante, diante do tema e das questões que o pesquisador se coloca, estudar as versões que os entrevistados fornecem acerca do objeto de análise. Ou mais precisamente: tais versões devem ser, elas mesmas, objeto de análise”. (Ibidem, p. 30)

A rede de entrevistados foi formada com o objetivo de contemplar velhos sindicalistas e trabalhadores gráficos, bem como alguns daqueles que ainda estejam atuando profissional ou politicamente na categoria. Assim, poderemos perceber melhor as perspectivas de diferentes gerações. Uma coleta inicial de dados, incluindo a realização de algumas entrevistas, ofereceu indicações acerca do perfil variado desse grupo. Entrevistamos gráficos de pelo menos duas gerações diferentes. Líderes sindicais e militantes que atuavam no sindicato, mas não ocuparam cargos de direção. O eixo temático das entrevistas incluiu a história de vida desses militantes, sua inserção na história do Sindicato dos Gráficos e as mudanças no processo de trabalho do setor gráfico ao longo da atuação profissional dos entrevistados.

As entrevistas realizadas foram transcritas na íntegra e as falas dos entrevistados não sofreram nenhum tipo de alteração, buscando fazer o mais próximo possível da fala original. O tratamento posterior desse material inclui a análise das versões dos

entrevistados sobre a história do Sindicato dos Gráficos e a problematização dessas versões em relação às versões presentes nos jornais operários, no material da polícia política etc. Por fim, devemos acrescentar que:

A escolha dos entrevistados não deve ser predominantemente orientada por critérios quantitativos, por uma preocupação com amostragens, e sim a partir da posição do entrevistado no grupo, do significado de sua experiência. Assim, em primeiro lugar, convém selecionar os entrevistados entre aqueles que participaram, viveram, presenciaram ou se inteiraram de ocorrências ligadas ao tema e que possam fornecer depoimentos significativos. (ALBERTI, 2005. p. 31-32).

Os entrevistados que “viveram” a história que estamos analisando encontram-se, em sua maioria, na órbita do próprio Sindicato e foi a partir do contato com os membros do Sindicato que elegemos os atores que seriam entrevistados. Neste texto, nossas análises se concentram nas duas entrevistas realizadas com nosso personagem principal, Nilton Domingues Pedrosa.

Formação profissional e a construção da identidade de classe

Nilton Domingues Pedrosa, aos 75 anos de idade fala com orgulho da profissão de linotipista que exerceu ao longo de boa parte de sua vida. Mas até tornar-se um profissional das artes gráficas em tempo integral, Pedrosa percorreu muitos caminhos. Em 1948, após ingressar na escola técnica do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) para fazer o curso de rolamento de motor Nilton, aos 13 anos de idade, foi indicado para trabalhar em uma firma de construção civil.

Meu pai trabalhava na construção civil, meu irmão mais velho também. Eu tinha verdadeira ojeriza ao problema de construção civil. Porque eu via o que era a profissão deles. Aí levei o documento da firma, da loja de ferragem, aí tirei a carteira, quando me apresentei era pra trabalhar em construção civil, instalação... não é isso que eu estou aprendendo, não é esse o curso que eu quero, não é isso que eu quero na minha vida, não aceito, aí voltei para casa frustrado.¹

¹ Entrevista concedida à autora em 30 de setembro de 2008. Nilton Domingues Pedrosa.

Apesar de ter um irmão impressor, Pedrosa afirma que sua grande paixão era a eletricidade. Mas, diante da dificuldade de realizar o trabalho que gostaria, acabou aceitando um emprego em uma gráfica.

Aí foi quando eu conversei com esse vizinho. Olha a única coisa que eu posso te ajudar é você entrar como aprendiz lá, eu digo, tudo bem, feito. Já no dia seguinte eu estava com a carteira, já não me apresentei mais no SENAI, parei de estudar e fui lá, me apresentei na gráfica [...]

Qual era o setor melhor? Era a composição. Ser compositor tipográfico. Eu aprendi! De Machado de Assis, tipógrafo né, eu tenho a honra de ter sido tipógrafo igual a ele [...] E são duas coisas que eu adoro, minha família e a minha profissão, as duas principais coisas na vida.²

O crescimento do uso das máquinas de linotipo não deixava muitas opções para um compositor manual. Na Listas Telefônicas, empresa que ingressou em meados dos anos de 1950, Nilton Pedrosa aprendeu a profissão de linotipista. O manual perdia espaço para o mecânico, porém o linotipista continuava sendo um operário de um ofício “arte”.

Então o gráfico tem um certo conhecimento que hoje em dia não dão muito valor com o computador, você vê palavras quebradas, horrorosas, que não se quebra palavras daquele jeito, nós tínhamos o cuidado de spacejar as palavras pra não colocar mais de três palavras cortadas, tinha esse cuidado. Respeitar o vocabulário português. Eu ainda tenho esse senso de crítica, porque sou das antigas, ainda tenho esse senso de crítica (risos).³

Pedrosa valoriza a formação profissional de sua geração. Em sua opinião, o exercício do ofício enquanto arte exige um tipo de qualificação profissional que foi sendo perdida ao longo dos anos pelas novas gerações. O tipo de conhecimento necessário para o exercício da profissão de gráfico mudou, no entanto é necessário destacar que o grau de escolarização da categoria aumentou nos últimos anos.⁴

Linotipo, mais complexa porque era tituleira, chamada tituleira. Então eu trabalhava nisso, eu fazia os anúncios. Os anúncios você tinha que ter criatividade, porque você pra compor, pega o original, você só vai reproduzir o que está ali, você pega, tem sujeito que tem uma facilidade, uma destreza no teclado fora de sério. Eu não, o meu caso já era mais criatividade, era arte. *Porque eu sou do tempo das artes gráficas, entendeu? E hoje em dia não, passou*

² Entrevista concedida à autora em 30 de setembro de 2008. Nilton Domingues Pedrosa.

³ Idem.

⁴ Em 1986 8% dos trabalhadores gráficos tinham o ensino médio completo, em 2006 esse percentual sobre para 46%. (LACERDA, 2009).

a ser indústria gráfica, a arte ficou para trás. Então você tinha que escolher pra fazer o anúncio, vinha o original, mas não vinha o tipo que queria, você que tinha que ter a imaginação e a criatividade. Então assim foi minha história pra entrar como linotipista.⁵ (grifos nossos)

O linotipista é um profissional do setor gráfico que acumulou o respeito e admiração dentro da categoria, mas também da sociedade como um todo.

Quando em todo o mundo se comemorou o centésimo aniversário de nascimento do alemão Ottmar Mergenthaler [inventor da máquina de linotipo em 1883], foi de você, gráfico linotipista do Brasil que eu me recordei com a sinceridade do grande apreço que você sempre mereceu de minha consciência e da minha admiração. Linotipista do Brasil! No longo período que decorreu da engenhosa invenção de Ottmar Margenthaler, você tem sido a figura central ajudando a conduzir, como um troféu glorioso a vitória dos intelectuais. E você é feliz porque aos seus olhos desfila a marcha que primeiro sacudiu a alma e o coração de quem pensou e escreveu. [...] Mas você continua, prossegue, chega e alcança. A cultura lhe deve muito. Os que se educam muito lhe deve. E você, sem anúncio, sem cartaz, quase anônimo, é bem o símbolo do perfeito soldado desconhecido. A partitura das grandes sinfonias do saber são descritas por outras, mas é você quem as executa para a audição e o conhecimento geral. Você é a alavanca movimentadora do pensamento.⁶

Se na visão da autora a divisão do trabalho é bem clara entre o linotipista e o intelectual, isso não diminui o papel que o gráfico tem na divulgação da cultura. Entre os próprios operários o linotipista era vista como um profissional diferenciado. Jurandir Calixta⁷, mecânico de linotipo, descreve seu colega de trabalho como um operário que vestia paletó e exigia que seu ambiente de trabalho estivesse de acordo com a importância de sua profissão.

[...] que na época o auge era a linotipo, porque o auge na época, na década de 70, trinta e tantos anos atrás era a linotipo. O linotipista chegava à cadeira dele tinha que estar sempre limpinha, a máquina toda bem limpa, não podia ter uma poeira de nada, o teclado sempre limpinho, ele colocava o paletó dele na cadeira pra poder trabalhar. O linotipista era assim.⁸

⁵ Entrevista concedida à autora em 30 de setembro de 2008. Nilton Domingues Pedrosa.

⁶ “Linotipista do Brasil!”. *Voz do Gráfico* – órgão oficial do Sindicato dos Gráficos. Maio 1960. O texto é assinado pela escritora Paula Aquilles.

⁷ Jurandir Calixta nasceu na Paraíba em 1948, migrou para o Rio Grande do Norte e em 1970 chegou ao Rio de Janeiro. Nesta cidade, empregou-se como mecânico de linotipo da Bloch Editores, empresa em que trabalhou por 35 anos até se aposentar. Jurandir é o atual presidente do Sindicato dos Gráficos.

⁸ Entrevista concedida à autora em 24 de outubro de 2008. Jurandir Calixta Gomes.

Mas apesar da construção desse imaginário em torno do linotipista, as trajetórias de alguns gráficos demonstram que na luta diária pela sobrevivência nem sempre havia espaço para a idealização da profissão. Voltemos à trajetória de Nilton Pedrosa. Sua entrada em uma gráfica de grande porte, onde aprendeu a linotipia, não garantia seu sustento. Por algum tempo, Pedrosa dividiu a profissão de gráfico com a de feirante, em uma longa jornada de trabalho.

Saí do exército com 19 pra 20 anos e já assumi compromisso sério de ficar noivo. Então, o que eu fazia, trabalhava de noite nas Listas Telefônicas e de dia por volta das cinco horas da manhã eu ia pra feira, trabalhava em barraca de feira e pou, pou... chegava meio dia eu ia dormir e cinco e meia da tarde eu estava nas Listas Telefônicas, pegando firme. E assim foi a minha vida. Aí eu morava nessa [...] o vizinho do terceiro andar trabalhava no Jornal do Brasil. Linotipista, Carlindo o nome dele, falecido. Aí virou pra mim e disse: “Pedrosa, não quer ir pro Jornal do Brasil, mas é à noite”. Eu digo, tudo bem, vou ver se eu consigo passar pro dia. Comecei a trabalhar de dia nas Listas e à noite no Jornal do Brasil e assim foram onze anos nessa luta dia e noite.⁹

Sua entrada no *Jornal do Brasil* marca uma ruptura em sua vida. Ele passa a se dedicar de forma exclusiva à profissão de gráfico. É o exercício desse saber técnico que define a vida profissional e pessoal de Pedrosa. A estabilidade no trabalho permitiu também realizações no plano privado. Mas a dupla jornada de trabalho permaneceu fazendo parte da história de Pedrosa por mais onze anos.

É a minha história como gráfico, graças a Deus o pouco que tenho eu me realizei como gráfico, então a minha vida é ser gráfico. Então eu adoro realmente. O sindicato é minha segunda casa, adoro isso aqui. [...] Quer dizer, então tenho muito orgulho disso, de ter participado de tudo isso. Da construção do ginásio, eu participei.¹⁰ Então eu, nós temos história aqui, passagem nesse sindicato. Minha vida esta também junto com o sindicato, independentemente disso eu acho que ser gráfico é de alguma maneira ajudar e auxiliar na cultura do povo, porque nós é que fazemos, confeccionamos livros e tal né.¹¹

A vida político-institucional do sindicato é um dos elementos que compõe a identidade¹² coletiva e individual dos trabalhadores e militantes gráficos. Portanto, entender

⁹ Entrevista concedida à autora em 30 de setembro de 2008. Nilton Domingues Pedrosa.

¹⁰ O ginásio – auditório foi inaugurado na sede do Sindicato dos Gráficos em 1972.

¹¹ Entrevista concedida à autora em 30 de setembro de 2008. Nilton Domingues Pedrosa.

¹² “A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio de negociação direta com os outros. Vale dizer que memória e identidade podem ser perfeitamente negociadas, e não são

os conflitos e consensos construídos nesse espaço é fundamental para compreendermos a trajetória do nosso personagem. Para Pedrosa, as restrições impostas pelo regime de exceção instalado em 1964 afetaram sua atividade profissional, mas por outro lado o sindicato permanecerá como uma referência importante em sua vida.

O Papel do Sindicato na experiência de classe

O primeiro contato de Pedrosa com um membro do Sindicato dos Gráficos será após sua transferência para a gráfica das Listas Telefônicas. A oportunidade de trabalhar em uma gráfica maior fez com que nosso personagem aceitasse um cargo inferior a sua capacitação técnica. Essa mudança na vida profissional, no entanto, influenciará os rumos de sua militância política.

Aí apresentou uma vaga, foi esse mesmo encarregado que me botou na Gráfica Mercantil, olha tem vaga lá na Listas Telefônicas, que era na Luiz Câmara, ela já tinha mudado pra Luiz Câmara, que ela antigamente era na São Januário. É aonde fazia as listas. Aí eu e me apresentei lá, “ah mas não tem vaga pra compositor, só tem vaga pra meio oficial”, eu disse mas qual o salário pra meio oficial? O salário do meio oficial lá era o mesmo que o salário do oficial aqui fora. Eu digo, eu aceito como meio oficial. Eu tinha confiança no meu taco, tinha mesmo, digo a você com toda sinceridade, pode parecer vaidade, mas não é não. A gente tem que se valorizar. Eu aí aceitei, aceitei, comecei a trabalhar como ajudante de compositor. Um título que nem existia, tinha lá tudo bem, aí me apresentei, trabalhei lá. E tinha o Campos que era o representante sindical, foi quando eu comecei já a visão de sindicato.¹³

Mas a longa jornada de trabalho inviabilizou uma dedicação maior à militância sindical. Anos mais tarde, ocupando um cargo no *Jornal do Brasil*, Pedrosa usava o pouco tempo que lhe restava, entre os dois empregos, para freqüentar o sindicato. Os acontecimentos que marcam o início da ditadura, no ano de 1964, irão determinar sua saída

fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo”. (POLLAK, 1992. p.5)

¹³ Entrevista concedida à autora em 30 de setembro de 2008. Nilton Domingues Pedrosa.

do *Jornal do Brasil*, mas ao mesmo tempo aproximariam ainda mais o jovem gráfico de sua instituição de classe.

Aí veio a “redentora”, eu chamo de “redentora” que foi o golpe militar. Mas aí nesse ínterim, eu já comecei a me familiarizar com o Sindicato também, as horas que tinham [...] sobrava pouco tempo, mas o pouco tempo que sobrava eu saía ia pro Sindicato [...] Não sei se por causa da maneira de eu falar, o timbre de voz, eu assumi uma liderança, tudo o que o pessoal queria vinha comigo [...] Veio a “redentora” aí o que aconteceu, em cada gráfica grande eles botaram, um coronel. Lá no *Jornal do Brasil* foi um almirante, que era a parte mais dura da Redentora, da revolução era a Marinha, que foi a Marinha que fez mais çaça as bruxas.¹⁴

A formação de Pedrosa como liderança de classe ocorreu em um momento de restrições das atividades políticas. Porém, isso não impediu que ele se tornasse uma referência para a categoria. Sua participação no Sindicato e seu ativismo dentro da empresa, nas discussões políticas, o colocaram como mais um alvo da repressão. Segundo Pedrosa, um dia o assistente do almirante responsável pela censura no *Jornal do Brasil* advertiu-o de que “sua batata estava assando”. Acuado e, segundo ele, temeroso por sua família, nessa época já era casado e pai de uma filha, não teria pensado muito e pedido, no mesmo dia, para ser afastado do jornal. De forma contraditória, a perda do emprego o aproximou ainda mais do sindicato. Segundo ele, sobraria mais tempo para freqüentar a instituição. Quando perguntado sobre a situação política do sindicato naquele momento, ele responde:

Tivemos gente morta e tudo aqui, colegas como o Newton de Oliveira¹⁵ [...] Dizem que ele se suicidou, eu acho que suicidaram ele, mas tudo bem. Tivemos o Raimundo Alves preso, tivemos vários perseguidos aqui, eu felizmente não fui. Esse Cruz, Zé Maria Cruz também foi perseguido, teve que ir pra Miguel Pereira se esconder lá com a família, a esposa e o filho. Quer dizer, teve várias “caças as bruxas”. Eu felizmente fiquei lá, mais ou menos quieto. Eu vinha aqui [no Sindicato], mas só pelas beiradas né. Porque aí eu já comecei a ver, você tem que saber se posicionar, *eu não sou leão, não ia colocar a cabeça na forca*.¹⁶

Apesar de questionar o regime que ele chama de “redentora”, sua militância é delimitada por um padrão de segurança que permitiu que ele se mantivesse longe de

¹⁴ Entrevista concedida à autora em 30 de setembro de 2008. Nilton Domingues Pedrosa.

¹⁵ O nome de Newton Eduardo de Oliveira é uma referência na luta sindical desta categoria e é lembrado, em momentos de atividades coletivas, por diferentes gerações de militantes. Newton teve uma ativa militância sindical desde que se filiou ao Sindicato dos Gráficos, em 1952 e, entre 1962 e 1964, assume a presidência da Federação Nacional dos Trabalhadores na Indústria Gráfica (F.N.T.I.G). Em 1964, tem seus direitos políticos cassados (Diário Oficial - D.O. 14/04/64). Neste mesmo ano Newton Eduardo de Oliveira comete suicídio.

¹⁶ Entrevista concedida à autora em 30 de setembro de 2008. Nilton Domingues Pedrosa. (grifos nossos)

maiores problemas com a repressão ao longo da ditadura. Durante os anos de exceção, Pedrosa participou de importantes conquistas da categoria como a compra da nova sede própria, a construção do ginásio esportivo no sindicato e a regulamentação da aposentadoria especial para a categoria. Essa militância, mesmo que restrita pelo momento político do país, fez do nosso personagem uma liderança entre os gráficos cariocas.

Com a abertura política, Pedrosa, já aposentado, irá desempenhar um importante papel dentro da instituição, criando o Departamento de Aposentados em 1983. Este órgão é vinculado à estrutura do Sindicato dos Gráficos, mas mantém uma existência autônoma. Em 1988, Pedrosa se posicionou abertamente contra a filiação do sindicato a Central Única dos Trabalhadores (CUT). E foi um dos responsáveis pela articulação que impediu a ascensão do grupo ligado à CUT nas eleições sindicais daquele ano.

Desde o início dos anos 1980, Pedrosa disputa um “novo” lugar no Sindicato. Após anos de ativismo sindical, ele quer o direito de permanecer no sindicato como aposentado. A disputa de território é mais uma etapa da militância da geração de gráficos a qual nosso personagem pertence. Além de garantir um espaço fora do prédio principal para realização de suas atividades, essa geração conquistou o pátio da instituição como um espaço “reservado” para seu novo papel social. Uma placa ali indica: “Praça dos Aposentados Gráficos - fundada em 21/10/1989”. Atualmente, além de presidir o Departamento de Aposentados, Pedrosa atua na Federação das Associações de Aposentados e Pensionistas do Estado do Rio de Janeiro (Faaperj).

A trajetória de Nilton Domingues Pedrosa faz parte do contexto de uma geração de velhos militantes que potencializou sua condição de classe como um instrumento político. Sua identidade foi formada na atividade político-sindical e no exercício de um saber técnico que chegou aos anos 1980 em processo de extinção. No entanto, o saber político acumulado ao longo dos anos, mesmo abalado pelas transformações na categoria, foi convertido em ações que mantêm o grupo num processo de construção de novos espaços para sua atuação política.

Considerações finais

Iniciamos este texto nos perguntando sobre a representatividade da trajetória ocupacional e sindical de um operário para a análise da formação da identidade e da memória de um grupo de trabalhadores e de um sindicato. Através da análise das narrativas de um tipógrafo, Nilton Domingues Pedrosa, podemos compreender elementos essenciais para a construção da identidade de uma geração de trabalhadores gráficos cariocas:

1. O orgulho de deter um conhecimento específico e em extinção;
2. O exercício da militância sindical como parte constituinte da formação do grupo;
3. A redefinição da identidade do grupo, incluindo o status de aposentado como um novo valor agregado, para gráficos da geração de Pedrosa.

Pedrosa representa uma geração de gráficos que foi formada numa perspectiva particular de atuação profissional e militância político-sindical. Ao longo das décadas esses homens aprenderam a redefinir sua identidade atualizando características que os une como um grupo. Os atores sociais vivenciam essas metamorfoses de maneiras diversas, porém, acumulando experiências que nos permitem olhar para a trajetória de Pedrosa, uma liderança entre os gráficos, e fazer uma leitura de elementos que definem nosso personagem, mas também identifica seus pares.

Referências Bibliográficas

- ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.
- AMERICANO, Renato Pacheco. *Comportamento Social e Humano na Indústria Gráfica: Reflexões sobre uma experiência*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1971. 1991.
- BARBOSA. Marialva. *História Cultural da Imprensa: Brasil – 1900 – 2000*. Rio e Janeiro: Mauad X, 2007.
- BATALHA, Cláudio H. M.; SILVA, Fernando Teixeira da e FORTES, Alexandre (org.). *Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas: Editora UNICAMP, 2004.
- CASTRO, Nadya e AGIER, Michel. “Projeto operário, projetos de operários”, in: CASTRO, Nadya; AGIER, Michel e GUIMARÃES, Antonio Sérgio. *Imagens e Identidades do trabalho*. São Paulo: 1995.
- COSTA, H. *Em busca da memória*. São Paulo: Scritta, 1995.
- HALBWACHS, Maurice. *Memória Coletiva*. São Paulo: Edições Vértice, Editora Revista dos Tribunais Ltda, 1990.
- HALL, Michael. “História oral: os riscos da inocência”, in: Departamento do Patrimônio Histórico de São Paulo. *O direito à memória. Patrimônio histórico e cidadania*. São Paulo, DPH-Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo: 1988.
- JEUDY, H. P. *Memórias do Social*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.
- NAMER, Gerard. “Rééditer Lês Cadres sociaux de la mémoire de Maurice Halbwachs”, in: HALBWACHS, Maurice. *Les Cadres Sociaux de la Memoire*. Paris: éditions Abin Michel, 1994.
- PESSANHA, Elina e MOREL, Regina. “Gerações Operárias: Rupturas e Continuidade Na Experiência de Metalúrgicos no Rio de Janeiro”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: 1991. v. 6, n. 17.

POLLAK, Michael. “Memória e Identidade Social”. *Estudos Históricos*, n° 10, Rio de Janeiro: CPDOC, 1992.

POLLAK, Michael. “Memória, Esquecimento, Silêncio”. *Estudos Históricos*, n° 3, Rio de Janeiro: CPDOC, 1992.

PORTA, Frederico. *Dicionário de Artes Gráficas*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1958.

SANTANA, Marco Aurélio. Política e História em Disputa: “O ‘Novo Sindicalismo’ e a idéia da Ruptura com o Passado”, in: RODRIGUES, Iram Jácome (org.) *O Novo Sindicalismo Vinte Anos Depois*. São Paulo: Editora Vozes, 1999.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. *Memória Coletiva e Teoria Social*. São Paulo: Annablume, 2003.

SAVAGE, Mike. “Classe e História do Trabalho”, in: BATALHA, Cláudio H. M.; SILVA, Fernando Teixeira da e FORTES, Alexandre (org.). *Culturas de Classe: identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas: Editora UNICAMP, 2004.

SOUZA, Raimundo Alves. *Os Desconhecidos da História da Imprensa Comunista*. Rio de Janeiro: Fundação Dinarco Reis, 2005.

THOMPSON, E.P. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado - história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. 2ªed.

VELHO, Gilberto. *Projeto e Metamorfose: antropologia das Sociedades Complexas*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1999. 2ª ed.